

8.02.06 - Letras / Literatura Brasileira

AS MEMÓRIAS DE AUTRAN DOURADO: CONFLITO ENTRE O FAZER LITERÁRIO E OS INTERESSES POLÍTICOS

¹OLIVEIRA, Selma Peruci dos Santos (selmaperuci@hotmail.com);

²BUNGART NETO, Paulo (pauloneto@ufgd.edu.br).

¹Discente do curso de Letras/Literatura da UFGD – Dourados; PIVIC/UFGD;

²Docente do curso de Letras/Literatura da UFGD – Dourados; UFGD-FACALE

Resumo:

A pesquisa teve como principal objetivo analisar o volume de memórias do escritor mineiro Autran Dourado, intitulado *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt* (2000), em uma perspectiva comparativa em relação a outras obras do autor, como *A serviço del-Rei* (1984), romance “político”, e *Um artista aprendiz* (1989), narrativa que descreve a formação intelectual e artística de seu *alter-ego*.

O memorialista descreve, na obra, a vida política e pessoal do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek de Oliveira, tendo sido seu assessor direto, e com o poeta Augusto Frederico Schmidt, amigo e também assessor de JK no governo.

Importantes episódios descritos na obra, publicada no ano 2000, quarenta anos após o governo de JK (1956 a 1961), refletem-se na esfera psicológica de um intelectual cuja vida sofreu tormentos e graves conflitos motivados pelo dilema vivido entre conciliar a sua vocação de romancista e a necessidade de atender a interesse políticos do amigo e chefe.

Autorização legal:

Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), Coordenadoria de pesquisa PROPP/UFGD.

Palavras-chave:

Autran Dourado; memórias; Literatura brasileira contemporânea

Apoio financeiro:

UFGD

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição:

Divisão de Iniciação Científica
DINIC/COPQ/PROPP/UFGD

Introdução

Waldomiro Freitas Autran Dourado nasceu no município de Patos de Minas, em Minas Gerais, em 1926. Formado em Direito, atuou na política como jornalista e secretário de Imprensa do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Acompanhou JK desde a época em que foi governador de Minas Gerais, até a presidência da República, totalizando aproximadamente nove anos de convivência pessoal e profissional.

Ao longo de sua vida, que durou 86 anos (faleceu em setembro de 2012), Autran Dourado teve mais de 30 livros publicados (contos, ensaios, novelas, romances e um livro de memórias). Durante sua jornada literária foi premiado várias vezes, recebendo, dentre eles, o Prêmio Luiz de Camões.

Em *Gaiola Aberta: tempos de JK e Schmidt* (2000), *corpus* dessa pesquisa, único livro de memórias do escritor, consagrado e premiado em vários romances, sobretudo *Ópera dos mortos*, listado na coleção de Obras Representativas da UNESCO, Autran relata sua trajetória, em que vivenciou momentos conturbados durante o período em que foi assessor direto do ex-presidente da República.

Tal trajetória apresenta-se exposta na obra memorialística do escritor, que mostra, de maneira explícita, suas frustrações diante das circunstâncias profissionais, às quais se submeteu mesmo consciente de que não era esse o seu objetivo principal.

A pesquisa analisa as memórias de Autran do ponto de vista dicotômico, evocando as relações pessoais do escritor (memória individual) e depoimentos políticos (memória coletiva), pois envolve a vida de um terceiro, representado pela figura política Juscelino Kubitschek.

Para entendermos a obra sob esses dois patamares, contaremos com as contribuições do teórico Maurice Halbwachs. Para ele, ao evocarmos um depoimento de alguém, é

necessário que esse alguém tenha feito parte do grupo que viveu situações em comum, mesmo acreditando que a memória individual exista, ela precisa estar vinculada à coletiva, pois sofremos “influências coletivas” por sermos indivíduos sociais, ou seja, a lembrança está presente em um conjunto de pensamentos coletivos. Segundo ele, “Um homem que se lembra sozinho do que os outros não se lembram é como alguém que enxerga o que os outros não veem” (HALBWACHS, 2006, p. 23).

Após quarenta anos, o escritor sofreu pressões de amigos e familiares para escrever suas memórias, mais precisamente a sua vida “palaciana” (memória individual) e seu convívio com gente pública (memória coletiva), Autran Dourado decide, finalmente, redigir suas recordações.

Metodologia:

A metodologia empregada nesta pesquisa foi estritamente bibliográfica e relacionada à análise de obras do escritor Autran Dourado. Primeiramente, a pesquisa se concentrou na leitura, análise e compreensão, sobretudo, de suas memórias, intituladas *Gaiola aberta*: tempos de JK e Schmidt, mas também de outras como os romances *A Serviço del-Rei* e *Um artista aprendiz*, que estabelecem um diálogo direto com as memórias do autor.

Como fundamentação para a análise das obras de Autran Dourado, foram utilizados conceitos de teóricos da memória como Maurice Halbwachs e Philippe Lejeune, e críticos como Antonio Candido e Hayden White, que discutem os limites entre memória, história e ficção.

As etapas da pesquisa foram divididas entre leituras, fichamentos das memórias e dos romances e textos teóricos, bem como a redação de relatórios parcial e final (artigo científico).

Um dos assuntos que mais mereceram ênfase nesta pesquisa é o fato de as memórias de Autran Dourado estarem vinculadas ao conflito vivenciado pelo autor ao longo de seu trabalho na política e confessado em *Gaiola aberta*, conflito este que se deu entre sua dedicação exclusiva à literatura e sua submissão ao trabalho prestado junto a seu patrão e amigo político.

Em *Um artista aprendiz*, João da Fonseca Nogueira (alter-ego de Autran) sai de uma cidade do interior de Minas chamada Duas Pontes (fictícia), torna-se estudante e tem como meta a carreira de escritor em Belo Horizonte. Autran, através de suas memórias,

procura proceder de forma a romper e ressignificar aquilo que foi vivido, mesclando-o com o que foi imaginado.

No romance político *A serviço Del-Rei*, existe também a submissão por parte de João, submetendo-se às ordens de Saturniano, fato narrado por Autran no final do romance: “Cansado, nervoso, irritado, súbito sentindo que toda a sua vida de escritor estava indo água abaixo” (DOURADO, 1984, p. 153). Nesse caso, João se vê traindo sua vocação de escritor e ainda pesava o fato de estar atormentado e envolver-se nas infames situações políticas que ferem seu caráter e moralidade.

Contudo, Autran representa, nas obras apresentadas nesta pesquisa, a sua insatisfação em ter que conciliar trabalho remunerado com a vocação de escritor. Como ele mesmo dizia, sentia-se “preso” em uma “gaiola” e, sentindo-se livre, a partir da sua libertação do trabalho que não lhe agradara ao longo de quase uma década de serviço prestado a JK, “*Gaiola aberta*, é a metáfora de Autran Dourado na vida literária e o desapego do fardo oficial e do serviço do rei” (SOUZA, 2011, p. 132).

Se no romance político Dourado apresenta de forma indireta a sua insatisfação, em *Gaiola aberta*, através de episódios referentes à sua atuação nos bastidores políticos, admite abertamente o desgaste que o ambiente lhe proporcionou, confessando a sua angústia no momento em que chega à conclusão de que teria que fazer uma escolha e se desligar totalmente da vida política.

Resultados e Discussão:

Todas estas questões mencionadas acima, suscitadas a partir da leitura e análise das memórias de Autran Dourado e de sua relação com os romances *A serviço del-Rei* e *Um artista aprendiz*, foram situadas e abordadas no conjunto da produção memorialística da literatura brasileira contemporânea, levando em consideração textos críticos sobre a obra de Autran Dourado, como por exemplo o capítulo “O avesso da escrita: intelectuais a serviço de JK” (2011), de Eneida Maria de Souza, bem como textos biográficos sobre Juscelino Kubitschek (CONY, 1982; e MORAES NETO, 1997), conceitos teóricos sobre as memórias individual e coletiva (LEJEUNE, 2008; e HALBWACHS, 2006) e capítulos sobre a relação entre memória e ficção (CANDIDO, 2006; e WHITE, 2001).

Conclusões:

O trabalho apresentado e o seu desenvolvimento em forma de artigo apresentaram resultados satisfatórios para uma pesquisa de Iniciação Científica, visto que, os objetivos propostos foram alcançados. Através de dados bibliográficos, colaboraram para fundamentar questões relacionadas a um conflito que se estabelece, na obra de Autran (conflito que é ampla e abertamente destacado em suas memórias) entre conseguir conciliar o trabalho nos “bastidores” da política (utilizando “expedientes” e tomando decisões com as quais não concorda), com o isolamento necessário à criação literária.

A obra, em geral, refere-se a acontecimentos políticos vividos durante a trajetória de Autran no governo JK, escritor que, em certo momento, entra em conflito consigo mesmo, confessando, muitos anos depois, em seu texto autobiográfico, as angústias experimentadas por ter deixado de lado a sua maior paixão, a escrita literária.

Referências bibliográficas

BUNGART NETO, Paulo. As memórias de Autran Dourado e Carlos Heitor Cony: diluição de fronteiras entre o autobiográfico e o ficcional. In: *Anais do XI Seminário Nacional de Literatura, História e Memória e II Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-americano*. Cascavel-PR: UNIOESTE, 2013a. Disponível em www.seminariolhm.com.br.

BUNGART NETO, Paulo. Memórias como articulação entre literatura e história: o caso JK. In: *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social*. Assis-SP, UNESP, v. 13, nº 1, jan.-jun., 2013b, p. 181-201.

CANDIDO, Antonio. Poesia e ficção na autobiografia. *A educação pela noite*. 5 ed. Rio de Janeiro-RJ: Ouro sobre Azul, 2006, p. 61-83.

CONY, Carlos Heitor. *JK: memorial do exílio*. Rio de Janeiro-RJ: Edições Bloch, 1982.

DOURADO, Autran. *A serviço del-Rei*. 2 ed. Rio de Janeiro-RJ: Record, 1984.

DOURADO, Autran. *Gaiola aberta: tempos de JK e Schmidt*. Rio de Janeiro-RJ: Rocco, 2000.

DOURADO, Autran. *Um artista aprendiz: romance*. Rio de Janeiro-RJ: José Olympio, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*.

São Paulo-SP: Centauro, 2006. Trad. Beatriz Sidou.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 2008. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes.

MORAES NETO, Geneton. *Dossiê Brasil: as histórias por trás da História recente do país*. 6 ed. Rio de Janeiro-RJ: Editora Objetiva, 1997.

SOUZA, Eneida Maria de. O avesso da escrita: intelectuais a serviço de JK. In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 2011, p. 119-135.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2 ed. São Paulo-SP: Edusp, 2001. Trad. Alípio Correia de Franca Neto.

